

LITERATURA INFANTOJUVENIL: A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA OBRA "O MENINO MARROM", DE ZIRALDO

LITERATURA INFANTOJUVENIL: LA DIVERSIDAD ÉTNICO-RACIAL EN LA OBRA "O MENINO MARROM", DE ZIRALDO

Angélica Alves Souza¹
Elizete Dall' Comune Hunhoff²

RESUMO: Neste artigo apresentamos uma reflexão sobre como a leitura de obras literárias infantojuvenis podem ser um fator importante para o processo de formação intelectual de crianças e adolescentes. Para evidenciar como tais leituras são significativas fizemos uma análise da obra "O menino marrom", de Ziraldo Alves Pinto. A obra citada tem como temática a diversidade étnico-racial, sem possíveis marcas de preconceito. Procuramos refletir acerca do seu conteúdo, cuja história pode levar o leitor e a escola a interpretarem os múltiplos sentidos das relações étnicas. O estudo de conteúdos que contemplam a diversidade étnico-racial vem sendo exigido na escola, devido a implantação da Lei Federal nº 11.645/08, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Dessa forma o tema abordado, fez-nos pensar sobre a possível contribuição para a formação cidadã e a construção de valores, o leitor poderá entender como o conteúdo de um livro pode alavancar reflexões, discussões, metodologias e possíveis soluções para problemas cotidianos, de cunho profissional ou particular.

Palavras-chave: Leitura; literatura infantojuvenil; negritude; Lei nº 11.645/08.

RESUMEN: En este artículo se presenta una reflexión sobre cómo la lectura de obras literarias infantojuvenis es un factor importante en el proceso de formación intelectual de los niños y adolescentes. Para mostrar cómo esas lecturas son significativas analizamos la obra "O menino marrom", de Ziraldo Alves Pinto. La obra citada tiene como tema la diversidad étnico-racial, sin posibles marcas de prejuicios. Procuramos reflexionar sobre su contenido, cuya historia puede llevar el lector y la escuela a interpretar los múltiples significados de las relaciones étnicas. El estudio del contenido que incluyen la diversidad étnica y racial en la escuela ha sido requerida por la aplicación de la Ley Federal N° 11.645/08, que determina la enseñanza obligatoria de la historia y la cultura afro-brasileña e indígena. Así, el tema hacer nosotros pensar en la posible contribución a la formación ciudadano y la construcción de valores, el lector puede entender cómo el contenido de un libro puede surgir reflexiones, discusiones, las metodologías y las posibles soluciones a los problemas cotidianos, profesional o particular.

Palabras clave: Lectura; literatura infantojuvenil; negritud; La Ley Federal N° 11.645/08.

¹ Graduada em Letras - UNEMAT. *Email:* angelica_jrna@hotmail.com. Membro do LIPP - Grupo de Pesquisa: Literatura Infantojuvenil: Poesia e Prosa".

² Profa, Adjunta - UNEMAT. Doutora em Letras-USP/SP. *E-mail:* elizetedh@hotmail.com. "Coord. do LIPP - Grupo de Pesquisa: Literatura Infantojuvenil: Poesia e Prosa".

INTRODUÇÃO

Entendemos que, por meio da literatura, a criança e o adolescente podem ampliar sua intelectualidade, promover debates e entender melhor o seu mundo de convívio. E a escola pode ser um dos espaços privilegiados que esse público necessita para se desenvolver e promover possíveis mudanças sociais. Nessa tarefa, o professor, como mediador, deve incentivar o hábito da leitura, aguçando a curiosidade e percepção de mundo dos alunos, desenvolvendo o seu potencial como leitor crítico com a oferta de livros e leituras próprias à sua formação e faixa etária. Conforme Abramovich (2008, p.143), “A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião [...]”. E isso, a oferta de bons textos, previamente vistos pelo educador, deve se tornar uma rotina, não um processo repetitivo e cansativo, mas estar presente de uma forma ou de outra contribuindo com a aprendizagem do público infantojuvenil.

1. LEITURA LITERÁRIA

A literatura e a leitura estão intimamente relacionadas. A literatura é a arte da palavra, meio pelo qual torna o ser humano um ser único e distinto entre as demais espécies. A literatura pode ser uma ferramenta na construção da cidadania, quando incentivada, desenvolvida, e assimilada, tanto na escola como na vida privada, capaz de fazer o indivíduo conhecer o mundo e compreendê-lo melhor. Conforme Nelly Novaes Coelho:

[...] a literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a *palavra* (o pensamento, as idéias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a *especificidade humana*. Além disso, sua eficácia como instrumento de *formação do ser* está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a *leitura*. (2000, p.10. Grifo da autora).

Geralmente, é na infância e na adolescência que o indivíduo inicia o contato com a literatura. A literatura infantojuvenil traz como marca a mistura do real e do imaginário, a fim de que a criança e o adolescente possam se identificar e aprender com o texto lido. Mas, em essência, a literatura infantojuvenil tem a mesma natureza que a literatura para adultos, diferencia-se apenas quanto ao público alvo.

Consoante a Marisa Lajolo, percebemos que é a partir da leitura literária que podemos despertar a imaginação, questionar, pensar, criar e comparar opinião; pois, tudo isso são elementos capazes de tornar indivíduos críticos. Segundo a autora:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente [...]. (1997, p.106).

Por meio da literatura também se consegue identificar o que acontece no mundo em nosso redor, pois, nela estão contidos assuntos relacionados ao cotidiano, o que fortalecem valores sociais e até mesmo familiares. A leitura literária parece construir um tecido, que ao mesmo tempo é individual e coletivo:

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. [...] Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto. (LAJOLO, 1997, p.106-107).

Quanto mais o indivíduo ler, maior será seu amadurecimento e conhecimento, não apenas literário, mas também o conhecimento próprio e de mundo. Este poderá aproveitar o que lhe for necessário e filtrar aquilo que não lhe interessar. Com esse amadurecimento pessoal, o indivíduo estará a viver culturalmente intelectualizado e pode vir a contribuir com a sociedade ao seu redor.

2. TEXTO LITERÁRIO – “O MENINO MARROM”

A obra “O menino Marrom”, conta a história do menino marrom e seu amigo cor-de-rosa. Os dois meninos estudavam juntos na mesma escola, brincavam, inventavam brincadeiras, viviam grandes aventuras, eram curiosos, questionadores e faziam descobertas. Certo dia, em uma brincadeira, usavam tinta para colorir e o menino marrom misturou todas as cores do arco-íris; o resultado dessa mistura foi a cor marrom, “Um marrom forte como o

do chocolate puro.” (2005, p. 15); seu amigo cor-de-rosa concluiu que a soma de todas as cores era a cor do seu amigo marrom. No dia seguinte, em uma experiência na escola, onde a professora propôs misturar as cores do arco-íris no disco de Newton, ela questionou qual cor daria, e logo o menino marrom respondeu, orgulhosamente, “Viram marrom!” (2005, p. 17), mas para sua surpresa o resultado foi a cor branca, e a professora explicou que esta era a soma das cores em movimento. Depois de refletirem, os meninos concluíram que as cores misturadas, ao ficarem paradas tornavam-se marrom, a cor do menino marrom, e em movimento tornavam-se branca, cor próxima a do menino cor-de-rosa. Mas as descobertas não pararam, eles se questionaram o que era branco e o que era preto na natureza. Perceberam que o mundo não era dividido entre pessoas brancas e pretas, e sim existiam pessoas de diversas cores: marrom, marrom-escuro, castanho, bege, rosadas, entre outras. Essa descoberta foi marcante na vida desses meninos. Com o passar do tempo ambos cresceram, e em determinado momento o menino cor-de-rosa teve que ir embora. Cada um seguiu rumos distintos. O narrador não deixou claro o destino dos amigos quando adultos. O menino marrom continuou com as pesquisas e aprendeu o significado das cores, ou pelo menos o significado que lhes era dado, e não gostou do que aprendeu, pois estes incentivam a diferença simbólica, principalmente do branco com o preto. Depois de muito pensar, ao escrever uma carta ao seu amigo cor-de-rosa, sem querer descobriu que não há diferença entre o preto e o branco, o preto é apenas a ausência do branco.

3. LEITURA IMPLÍCITA

Em “O menino marrom”, o narrador não dá margem interpretativa a nenhum tipo de preconceito sobre a cor do menino. A começar pelo nome designado a ele, que é marrom. Na descrição do menino, inter-relaciona seus traços e sua cor com diversos elementos da natureza, julgando que nada é da cor preta em definitivo. Isso é notado, também na descrição do menino cor-de-rosa, que faz analogia à pessoa de cor branca, e neste caso, dando-lhe o tom rosa. O narrador enaltece os aspectos de cores do personagem marrom:

Os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas, não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muita pouca coisa realmente preta na natureza.” (2005, p.3).

Percebemos o cuidado do narrador em não direcionar a cor preta em relação à natureza do menino marrom, até mesmo em relação ao cabelo. Em princípio achava que o menino tinha cabelos pretíssimos, mas depois ouviu o que um amigo especialista lhe disse: “Não existem cabelos humanos absolutamente pretos, você sabia?” (2005, p.4). Ao relatar sobre o menino cor-de-rosa, o narrador também é sutil em sua caracterização, “[...] era muito clarinho todo mundo achava que ele era cor-de-rosa. Principalmente porque ele tinha o rosto muito coradinho.” (2005, p.3).

Ao escrever dessa forma, o narrador desarma o leitor de um possível preconceito pré-existente, em suas experiências sociais, ao não enaltecer apenas as qualidades de um dos meninos; afirma que, de maneira individual, todos possuem a sua beleza. Assim, retransmite em todo o texto características positivas tanto para o menino marrom, quanto para o menino cor-de-rosa, desconstruindo possíveis estereótipos que ocorrem na sociedade em relação a questões raciais, que marginalizam as pessoas pela sua cor, principalmente o negro e, muitas vezes, o relacionam ao que é ruim, pobre, despreparado, e que qualidades positivas só podem ser atribuídas a pessoas brancas.

Na história, os meninos têm consciência de que são diferentes, “Mesmo marrom, o menino marrom achava normal ser chamado de preto. Mesmo cor-de-rosa, o menino cor-de-rosa achava normal ser chamado de branco.” (2005, p. 20). Os questionamentos sobre as cores chamam a atenção do menino marrom, que até na adolescência procura compreender o seu significado, questiona por que existe a contrariedade entre a cor branca e a cor preta e se isso é uma forma de a sociedade criar opositores, como se observa no trecho seguinte:

Se o azul é uma cor fria e o vermelho é uma cor quente, por que é que, na cabeça de ninguém, uma é o contrário da outra? Quem inventou que o preto é o contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, porque é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o outro? (2005, p.29)

A partir das reflexões do menino marrom, podemos identificar que ele, o personagem, tinha consciência de que havia o preconceito social étnico-racial. Por isso tentava compreender a existência dessa contradição das cores branca e preta. O menino se aprofundou na pesquisa e estudou sobre as cores e a luz. Procurou a entender por que o branco significava a paz, pureza e alegria, e por que o preto simbolizava angústia, solidão e tristeza, fazendo considerações, como: “[...] o preto é a escuridão, o olho fechado; você não vê nada. O branco é o olho aberto, é a luz!” (2005, p. 29). Mas essa simbologia, no sentido literal, não lhe era

coerente em relação à cor de sua pele, pois, se o branco era relacionado a coisas boas e o preto a coisas ruins, isso levaria a concluir que só as pessoas brancas poderiam ter sabedoria, inteligência, serenidade, felicidade e as pessoas negras, não, o que não era verdade, ele era a prova disso, pois era inteligente, criativo e feliz.

Ao interpretar o conteúdo dessa obra, vemos que a concepção de personagens negros vem mudando nos últimos anos, exemplo disso é a obra em análise “O menino marrom”, a qual apresenta como protagonista um menino negro, livre de qualquer característica negativa em relação à sua negritude. Conforme Coelho (2000, *passim*), a literatura infantojuvenil passou a integrar uma nova mentalidade da realidade histórica, social e cultural na época em que vivemos, atualmente. Os valores tradicionais, consolidados pela sociedade do século XIX, mudaram para valores e conceitos novos, diferenciando assim a literatura antiga e a literatura atual.

Dentre essas mudanças de conceitos, estão o racismo e o antirracismo. O racismo evidente pela sociedade tradicional, do século XIX, foi marcado pela escravidão de trabalho, que os brancos impuseram contra os negros. Mesmo diante de muita luta e reivindicações dos negros, apesar de ganharem a liberdade, os brancos demoraram a aceitar tal condição e, ainda hoje, há casos de preconceito racial. De acordo com Coelho (2000, p. 23), “[...] com isso instaurou no mundo ocidental um processo de injustiça humana e social que até os nossos tempos não pôde ser totalmente extirpada”. Atualmente, o combate ao racismo, conforme a autora, ocorre com a valorização de várias culturas, que correspondem às diferentes etnias, mas o racismo é ainda muito presente na sociedade.

Na literatura, essa luta já está bem evidente. Na infantil mesclam-se, em pé de igualdade, personagens das várias raças, e também é abordado frontalmente o problema do racismo, considerado como uma das grandes injustiças humanas e sociais. (2000, p. 27)

Atualmente, escritores engajados procuram valorizar o ser humano, independentemente da sua etnia, distribuindo os papéis no enredo conforme sua imaginação, e procuram não deixar resquícios promotores de preconceitos com as possíveis diferenças sociais ou raciais em suas histórias.

4.CONTEXTUALIZAÇÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICA BRASILEIRA

Historicamente o Brasil é um país povoado por diversos grupos étnicos, sendo a população descendente, miscigenada; composta basicamente por indígenas, negros, asiáticos

e europeus de predominância branca, foi colonizado inicialmente pelos portugueses, e nesse processo também aqui desembarcaram povos de diversos países. A população branca consistia aos povos de descendência europeia, principalmente por portugueses, franceses, alemães e italianos; os indígenas eram os nativos da América; e os negros foram traficados para o país, obrigados a trabalharem como escravos. Esses grupos hoje compõem a população brasileira e colaboraram para o desenvolvimento e a formação sociocultural do país.

No processo de colonização e, principalmente, quanto à escravização de índios e negros criou-se no país um cenário de desigualdade social no qual estes eram considerados inferiores aos ‘senhores’ brancos. Conforme Sharyse Piroupo do Amaral (2011), a partir do século XVI o tráfico de africanos para o Brasil tornou-se lucrativo, assim foram trazidos para servir de mão-de-obra em regime de escravidão. Negros e índios eram submetidos a trabalhos forçados em diversas áreas, como nos engenhos de cana-de-açúcar, na mineração, serviços domésticos, dentre outros. Esses acontecimentos deixaram marcas entre brancos e negros, marcas de superioridade, preconceito e que têm vestígios até a sociedade contemporânea, “[...] definiu espaços sociais que hoje tentamos desconstruir, como o racismo, a cultura da violência, a má distribuição de renda e o desrespeito à cidadania.” (AMARAL, 2011, p. 10).

Segundo Amaral, as pessoas que eram escravizadas não se conformavam com a sua situação, seus donos usavam da violência física para manter o poder de dominação, faziam reivindicações, rebeliões, fugas, acordos para conseguir a liberdade, que só foi possível com a abolição da escravidão no Brasil, com a Lei Áurea em 13 de maio de 1888, assinada pela princesa Isabel.

No entanto, depois da abolição, os negros não se tornaram livres como cidadãos, eram vítimas da exclusão social e preconceito racial e, em alguns casos, mesmo livres continuavam a trabalhar apenas por alimento aos seus senhores. Hoje, não há mais a escravidão de antigamente, mas, na sociedade contemporânea, a discriminação e o tratamento de inferioridade fere a dignidade dessa etnia. De acordo com Jose Nelson Froehlich (2012), atualmente, a desigualdade ainda é latente, mas muito se tem feito para diminuir ou acabar com a desigualdade racial, que muitas vezes se esbarram na perpetuação do preconceito.

5.DISSCUSSÕES ÉTNICO-RACIAL NO ÂMBITO ESCOLAR

Como um dos benefícios conquistados pela população negra, podemos citar no âmbito da educação a Lei Federal nº 11.645, de 10 de março de 2008, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e a indígena, no Ensino

Fundamental e Médio, no setor público e privado, além de serem ministrados em todo o currículo escolar, especialmente nas áreas de educação artística, de literatura e história brasileira. Essa Lei modificou o Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, a nº 9.394/96, que determinava na educação básica a consideração no ensino da História do Brasil as diferentes culturas e etnias, especialmente a indígena, africana e a europeia. E complementou a Lei nº 10.639/03 que determinava a obrigatoriedade do ensino, especificamente, da História e Cultura Afro-Brasileira.

As discussões acerca das relações étnico-raciais e da história e cultura africana e afro-brasileira promovem mudanças importantes na escola, gerando o respeito, o reconhecimento desses povos para o desenvolvimento do país e a diversidade étnica, sem discriminação, segundo Froehlich:

É de suma importância uma reflexão sobre a diversidade cultural do nosso país, não como fator negativo ou como obstáculo na educação, mas como fator interessante e rico que poderá enobrecê-lo. A história da cultura negra é tão linda quanto rica. É necessário abdicar, com todas as forças, do conhecimento etnocêntrico elaborado como única fonte de conhecimento e criar novos valores capazes de uma transformação crítica e justa. O Brasil é, sem sombra de dúvida, o país mais rico em sua cultura, diversidade e etnia. (2012, p.63)

A escola é um espaço ideal para se abordar essa temática, pois, conforme Coelho (2000), na escola devem ser construídas as bases para a formação do indivíduo. Nesse sentido, percebemos que em cada sala de aula há uma diversidade cultural, cada aluno tem uma história, os alunos são descendentes de variados grupos étnicos; o que propicia uma ótima oportunidade de discutir a diversidade, com o intuito de todos se reconhecerem, para que haja respeito mútuo, para praticarem a cidadania e viverem em sociedade. Froehlich (2012) aponta a escola como o ambiente de mudança e da transformação da negritude brasileira, porém, é preciso que tanto escola como a família estejam preparados para o combate da discriminação, pois, para o trabalho ser eficaz, a escola e a comunidade precisam andar lado a lado. Os assuntos relacionados a essa temática devem ser capazes de instigar reflexões, despertar o desenvolvimento social do indivíduo e promover possíveis mudanças sociais. O papel do professor nesse processo é importante, pois será ele quem irá apresentar os conteúdos e desenvolver atividades para que os alunos compreendam a finalidade de tal estudo, e assim consigam desenvolver expectativas positivas, referentes à aprendizagem, e também para que se sintam motivados para o trabalho escolar. Conforme Froehlich:

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. [...] O grande desafio da escola é investir na superação da diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural. (2012, p.83-84)

Essa valorização da cultura afro-brasileira, e também a indígena foi um avanço para o reconhecimento cultural, com o intuito de eliminar discriminações ainda existentes na sociedade contemporânea. Conforme a Lei nº 11.645/08, a literatura deve ser uma das áreas do currículo em especial a ser abordada as questões da cultura afro-brasileira e indígena. Levando em consideração que a literatura pode ser capaz de influenciar os indivíduos na sociedade, conforme citado por Coelho (2000), na escola deve-se privilegiar os estudos literários, pois, por meio, deles, é que se estimulam os exercícios da mente a ter a percepção do real em suas múltiplas significações, por exemplo. Nesse sentido, podemos citar a obra “O menino marrom”, como um exemplo a ser trabalhado na escola, pois é uma história que trata a temática da diversidade étnico-racial de forma positiva, sem discriminações raciais, como examinamos.

6.RELAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM “O MENINO MARROM”

Para trabalhar com a temática diversidade étnico-racial fizemos um recorte da obra “O menino marrom”, no que se refere à descoberta sobre as cores, feita pelo menino marrom e o menino cor-de-rosa. Quando os dois meninos misturavam as cores do arco-íris e constataram que as cores em movimento rotativo resultaram na cor branca e a mesma mistura, quando paradas, resultaram na cor marrom, os meninos pensaram, discutiram muito sobre o que haviam descoberto e questionaram o que era realmente preto e o que era branco na natureza, até chegaram à conclusão de que a coisa mais preta na natureza era o carvão e a mais branca era a neve. Conseguiram com essa constatação correlacionar a descoberta com a sua cor da pele e assim tiveram um novo conhecimento, que o mundo não era dividido entre negros e brancos, o que existia mesmo eram pessoas de várias cores:

E quando os dois chegaram em casa, estavam encantados com uma nova descoberta: o mundo não é dividida entre pessoas brancas e pretas.

Mesmo porque, elas não existem.

O que existe – que boa descoberta! – é gente marrom, marrom-escuro, marrom-claro, avermelhada, cor-de-cobre, cor-de-mel, charuto, parda, castanha, bege, flicts, esverdeada, creme, marfim, amarelada, ocre, café-

com-leite, bronze, rosada, cor-de-rosa e todas esses nomes aproximados e compostos das cores e suas variações. (2005, p.18)

Na sequência, a obra traz uma imagem com meninos e meninas de várias cores citadas. O narrador reitera ao leitor a imagem da diversidade, mostrando a importância da descoberta dos meninos, marrom e cor-de-rosa. Pode-se relacionar essa variedade de cores com as etnias existentes no Brasil, onde não há pessoas de cores definidas, há uma mistura.

Notamos que a temática “diversidade étnico-racial” é abordada de forma coerente e realista, com naturalidade, como ocorre na citação anterior em que os meninos constataam: “o mundo não é dividida entre pessoas brancas e pretas”, levando o leitor a refletir sobre a imposição, muitas vezes feita pela sociedade, em rotular e separar as pessoas por essas cores. Essa abordagem também é observada no decorrer da história, anos depois, quando o menino marrom, em uma de suas pesquisas comenta: “Quem foi que inventou que o preto é o contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, porque é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o outro?” (2005, p.29), como já enunciamos, em que se evidencia que o menino sabe que existe o preconceito racial, supostamente, por mais que não seja alvo direto de preconceito, ele percebe que o preconceito está presente na sociedade e passa a compreender pelas descobertas que faz, concluindo que as pessoas e as cores podem ser diferentes, mas nem por isso uma é superior à outra, ou seja, “preto é, apenas, a ausência do branco” (2005, p. 30). Por fim, outro trecho da história nos remete à reflexão de que não há classificação das pessoas pela cor da pele, pois o narrador não deixa claro o destino dos meninos quando adulto, descrevendo profissões, gostos, entre outros:

Um é craque de basquete e o outro, de voleibol; um já está quase formado e o outro não estuda mais – ou os dois já se formaram, todos dois já são doutores – já nem posso precisar. [...] Um passa seus dias lendo – ou não sei se são os dois – um não lê coisa nenhuma, deixa tudo pra depois. Mas, faz cada verso lindo, que ainda vai virar canção. Um pode ser diplomata. Ou chofer de caminhão. O outro vai ser poeta ou viver na contramão. Um é louco por sorvete de chocolate e o outro detesta o gosto de chocolate com leite; prefere, pro seu deleite, cerveja com tira-gosto. Um adora som moderno e o outro – como é que pode? – se amarra é num pagode. Um dos dois é muito alegre e o outro mais quietinho; um faz piadas com tudo e os dois riem sozinhos. Um é um cara ótimo e o outro, sem qualquer dúvida, é um sujeito muito bom. Um já não é mais rosado e o outro está mais marrom. (2005, p.31)

Com esse trecho percebemos que qualquer um dos meninos poderia trilhar esses caminhos, o narrador não nomeia o futuro de ambos, assim deixa o leitor refletir e tirar suas

próprias conclusões, considerando o conceito de igualdade entre os personagens, em meio à diversidade étnica existente. Dessa forma entendemos que essa narrativa pode ser um excelente material para ser trabalhado em sala de aula, para promover discussões sobre a temática diversidade, principalmente, por abordá-la de forma positiva.

7.CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO CIDADÃ

A obra “O menino marrom” transmite ao leitor, infantojuvenil e adulto, valores e virtudes, como respeito, amizade e inocência, além de trazer reflexões a cerca da diversidade étnico-racial, de uma forma simples, quase transparente, relacionado com a percepção das cores, especificamente, o preto e o branco comparado com as cores marrom e cor-de-rosa. Traz em todo o percurso narrativo, crianças curiosas, questionadoras, que crescem fazendo descobertas, tentando buscar respostas sobre essas diferenças das cores. Por isso, concordamos com Fanny Abramovich, que orienta que a literatura também informa, busca respostas sobre diversas situações da vida, como exemplo, situações de angústias, medo, entendimento de inquietações, incertezas, faz parte da curiosidade, do dia a dia de crianças e jovens, até mesmo dos adultos.

Querer saber mais sobre aflições, tristezas, dificuldade, conflitos, dúvidas, sofrências, descobertas que outros enfrentam, para poder compreender melhor as suas próprias, faz parte das interrogações de qualquer ser humano em crescimento [...]. (2008, p.98).

E a literatura é um meio para buscar respostas e entender como enfrentar os conflitos existenciais, pois mexe com as emoções, com o resolver os problemas. Segundo Coelho (2000), a literatura tem a tarefa fundamental de cumprir, na sociedade, a função de servir como agente formador, e é ao livro que se atribui a maior responsabilidade de formação da consciência de mundo, das crianças e jovens. Vemos isso na narrativa em análise, que traz reflexões étnico-raciais e proporciona a quebra de possíveis preconceitos. Constatamos que o menino marrom, na história, tem consciência das relações entre a cor branca e preta, questiona sobre quem inventou que essas cores são contrárias, contudo, depois de pesquisar, conclui que o preto é apenas a ausência do branco. Essa experiência pode ser refletida e auto identificada pelo leitor.

De acordo com Abramovich (2008, p. 99), na busca pela identificação, no enfrentar dos conflitos da realidade, não necessariamente a linguagem do autor precisa ser realista,

“Pode ser crua, dura; mas também pode ser poética, suave, tristonha; como pode ser humorada, divertida, irônica...”. Em “O menino marrom” a linguagem utilizada pelo autor é realista, mas é apresentada de forma lúdica, suave e divertida, a cerca de reflexões sociais comuns a faixa etária dos personagens, momento em que são ‘questionadores do mundo’, característico de crianças e adolescentes em desenvolvimento.

Estamos falando de literatura, de ficção, de histórias, onde se aborda um – ou vários problemas – que a criança pode estar atravessando ou pelo qual pode estar se interessando... De uma leitura que não é óbvia, discursiva ou demonstrativa do tal tema... Onde ele flui natural e límpido, dentro da narrativa – que evidentemente não tratará apenas disso. (2008, p. 99)

Há muitos temas para se trabalhar com o público infantojuvenil, dentre eles a diversidade étnico-racial, como já citado, que pode ser analisada na obra “O menino marrom”. Sentimos que esta é uma importante temática a ser apresentada para as crianças e jovens crescerem respeitando as ‘diferenças’ existentes na sociedade. Segundo Abramovich (2008), aliás, qualquer assunto pode ser importante para discutir no decorrer do crescimento da criança, depende da abordagem e do meio a ser tratada, e por isso é preciso estar atento ao ambiente, ao contexto social em que a criança e os jovens se encontram. Há temas que requerem maior atenção e sensibilidade na abordagem, pela complexidade do assunto, mas com a evolução dos costumes podem deixar de ser polêmicos, pois de uma forma ou de outra a sociedade os põe em discussão.

CONCLUSÃO

Nesse estudo percebemos o quanto a literatura infantojuvenil é importante para o desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente, quando devidamente orientada e incentivada. Verificamos que a obra “O menino marrom”, do escritor Ziraldo Alves Pinto, publicada em 1986, aborda o tema da diversidade étnico-racial, numa linguagem livre de preconceito, enaltece as características físicas e intelectuais das crianças e as diferenças do tom de pele são tratadas com naturalidade. Esta obra tem uma ampla abordagem para análise, mas, neste estudo, restringimos ao tema diversidade. O menino marrom é o protagonista que encontra respostas sobre os seus questionamentos quanto às diferenças das cores, dentre elas, “O que é realmente branco na natureza?” (2005, p. 18), “Quem foi que inventou que o preto é o contrário do branco?” (2005, p. 29) e conclui que o preto é apenas a ausência do branco. Com essas respostas o menino marrom não apenas aprendeu o significado das cores, mas

também o significado que lhes era dado, e não gostou do que aprendeu, pois estes incentivam a diferença simbólica, preconceito, separação e discriminação. A leitura dialoga com o leitor, com um fluir prazeroso a quaisquer públicos: jovem ou adulto.

Observamos que a diversidade étnica-racial vem sendo discutida, pois a discriminação racial até hoje é presente na sociedade. Na colonização do Brasil, a etnia negra sofreu com a escravidão praticada pela etnia branca, a desigualdade instaurada daquele período ainda permanece nos dias atuais. A etnia negra tem buscado ser reconhecida como parte da sociedade, pois possui direitos iguais a qualquer outra, e muito tem se feito para eliminar essa desigualdade. A Lei nº 11.645, torna obrigatória o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, e isso contribui para que essas discussões sejam desenvolvidas por diversos tipos de leituras como exemplo, as informativas e literárias. A obra em análise é um exemplo de literatura a ser utilizada, pois a diversidade é retratada de forma positiva, além de transmitir valores éticos ao público infantojuvenil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5ed. São Paulo: Scipione, 2008.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FROEHLICH, José Nelson. **Educando para discriminar**. Tangará da Serra: Ideias, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1997.

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino marrom**. 27ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005.